2 de 2 anúncios
Braskem Saiba mais sobre nossas ações em Maceió Clique aqui

Lula e a guerra na Ucrânia

Não se pode dizer que o conflito é longo demais e o Brasil fraco demais para que uma mediação valha a pena

Por Feliciano de Sá Guimarães,
professor do Cebri - mestrando em Frances

Durante a visita do chanceler alemão Olaf Scholz, o presidente Lula defendeu que o Brasil poderia contribuir para a mediação da guerra na Ucrânia. Em entrevista recente ao **Valor** (11/02/22), o ministro Mauro Vieira ofereceu os "bons ofícios brasileiros" às partes do conflito. Mas qual a capacidade do Brasil em influir em eventuais negociações? Tudo dependerá de como os atores diretamente envolvidos no conflito enxergarem os interesses do Brasil.

Você teu, recentemente, conexões relacionadas à energia limpa ou esporas ao ar livre em um dos mesos sites?
Sim
Não
Não me interessa pelo assunto
Responder

A diplomacia brasileira tem alguma experiência recente em mediação de conflitos, mais notadamente na Guerra de Cenepa entre Peru e Equador em 1995 e no Acordo de Tweirã, de 2010. Enquanto o primeiro é considerado um sucesso que reduziu(u) o Protocolo do Rio de Janeiro de 1998, o segundo não atingiu os objetivos almejados à época. Isso significa que o Brasil só pode ter sucesso na mediação de conflitos na América do Sul? Definitivamente não.

Existem três métodos básicos para a resolução de conflitos internacionais: 1- negociação direta entre as partes conflitantes; 2- várias formas de mediação, bons ofícios e conciliação; e 3- métodos vinculantes de intervenção de terceiros (por exemplo, arbitragem e adjudicação). No caso da guerra da Ucrânia é provável que a sua solução caminhe para uma mistura de negociação direta entre as partes e mediação de terceiros. É neste último ponto que o Brasil pode entrar.

CONTINUA DEPOIS DA PUBLICIDADE

> O Brasil não apoiou o isolamento russo no sistema internacional e isso pode contribuir para que a Rússia perceba o país como um parceiro confiável que não se deixa levar facilmente pela pressão ocidental. Aí mora o cerne da capacidade brasileira de mediação

Quando bem sucedida, a mediação pode suavizar as partes e ser instrumental em alcançar a cessação das hostilidades. A mediação é um processo não-coercivo em que o mediador age para abrandar os ânimos e trazer as partes à mesa. Os mediadores entram em um conflito a fim de alteá-lo, modificá-lo ou influenciá-lo de alguma forma.

Mas mediadores nunca são totalmente neutros. Trazem consigo ideias, conhecimentos, recursos e interesses próprios. Frequentemente, os mediadores têm suas próprias agendas sobre o conflito em questão. Diferentes mediadores têm diferentes motivos para interferir em um conflito. Assim, as partes sempre levam em consideração quais são estas visões e interesses ocultos dos mediadores.

A vasta literatura sobre mediação de conflitos internacionais mostra que, mesmo do que a capacidade do mediador em si, é a forma pela qual as partes enxergam o mediador que define suas chances de sucesso. Isto é, os adversários em conflito precisam desejar a participação do mediador por conta de três razões fundamentais. Primeiro, as partes acreditam que o mediador pode reduzir os riscos de escalada do conflito. Segundo, as partes acreditam que o mediador pode influenciar o outro lado a mudar de posição. Terceiro, as partes veem a mediação e o mediador como a expressão pública e legítima do seu compromisso com o fim do conflito.

É necessário especular sobre como Ucrânia e Rússia perceberam o Brasil como mediador para avaliar suas chances de sucesso. Os movimentos de Lula e Mauro Vieira de condenaram mais veemente a invasão russa parecem indicar que o Brasil busca reconstruir suas pontes com Kiev, europeus e americanos depois da posição percebida como pró-Rússia de Bolsonaro. Caetano Kiev impede que o Brasil seja bloqueado pelos ucranianos em uma eventual mesa de negociação. O envio da vice-primeira ministra Yulia Svyrydenko para a posse de Lula é um indicativo de que Kiev não pode deixar Brasília desgarrar.

CONTINUA DEPOIS DA PUBLICIDADE

Com efeito, a posição brasileira de não apoiar o isolamento russo no sistema internacional pode contribuir para que a Rússia perceba o Brasil não tanto como um aliado em si, mas como um parceiro confiável que não se deixa levar tão facilmente pela pressão ocidental. Aí mora o cerne da capacidade brasileira de mediação, ou seja, influir, ainda que minimamente, para mudar a posição de Moscou. Nesse sentido, Kiev, europeus e americanos tentam que emergir o Brasil como um país capaz de mudar a cabeça de Putin, algo nada trivial. Para o Ocidente, contudo, se existem países capazes de influenciar Moscou, seus líderes são Xi Jinping e Narendra Modi e não Lula. Mas as circunstâncias podem mudar e é preciso estar atento.

É importante frisar que existe um abismo que separa a posição brasileira de influenciar um conflito na América do Sul e a possível influência brasileira em conflito da magnitude da guerra da Ucrânia. Obviamente, o Brasil nunca será um mediador central na Ucrânia, ao contrário do ocorrido no conflito entre Peru e Equador. Naquele caso, o Brasil exerceu seus bons ofícios, ajudou a trazer as partes para a mesa, era visto como capaz de influenciar ambos a mudar de posição e aportava credibilidade ao compromisso de Peru e Equador pela paz.

Como se sabe, isto não foi o que ocorreu em Tweirã em 2010. Os EUA não emergiram Brasil e Turquia como atores capazes de fazer valer o acordo alcançado com Ahmadinejad. O Brasil era central em Cenepa e periférico em Tweirã.

Ser periférico, contudo, não é receita de fracasso. No tabuleiro da Ucrânia, o Brasil não é necessariamente um peão sem iniciativa e pode vir a ser um bispo. O caminho entre estas duas peças passa pela construção de uma posição que deixe claro tanto a Kiev como Moscou, assim como para Washington e europeus, que o Brasil pode agir para abrandar as posições, notadamente de Moscou. O que te busca neste momento é alguns tipos de cessão de hostilidades e de compromisso de paz definitivo. Nesse sentido, o ator fundamental que pode congelar a guerra é Moscou e não Kiev ou os americanos. Ter bom relacionamento com a Rússia pode se mostrar essencial para abrir este caminho.

CONTINUA DEPOIS DA PUBLICIDADE

Não se deve superestimar a capacidade brasileira, tampouco subestimá-la. Não se pode dizer que o conflito é longe demais e o Brasil fraco demais para que uma mediação valha a pena. Também não se pode dizer que, dado a habilidade negociadora de Lula, o Brasil invariavelmente terá grande relevância na mediação. Nem uma coisa nem outra. Aprender com os sucessos de Cenepa e os erros de Tweirã pode ajudar o Brasil achar um papel condizente com seu peso no mundo.

Feliciano de Sá Guimarães, professor do IRI-USP, é diretor acadêmico do Cebri

Mais recente
Próxima Frase do dia

O Valor apresenta a você a nova Globo Rural
Os dias para de assinatura são a mais nova de agro no ar. COMEÇAR ›

Recomendadas para você

Mundo
'Argentina terá que pagar pelo fiasco e não devorarte 'abutre'', diz Mauricio Macri

Capital
Promotoria de Goiás pede bloqueio judicial bilhões por advogados e multiplicáveis

Mundo
Nível derrota Biden e Trump ativa setores republicanos e memeria a Brasil

Finanças
Fundos em Wall Street ''dição-sensitivo'' percorrem consumismo

Comentários

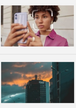
Os comentários são de responsabilidade exclusiva de seus autores e não representam a opinião deste site. Se você algo que colo o Código de ética, denuncie, ou a polícia Federal Rodoviária pode entrar a qualquer momento na porta.

Este conteúdo não recebe mais comentários.

Mais novos

Não existem comentários nesta história.

Mais do Valor **Econômico**



Balança comercial brasileira tem superávit de US$ 3,82 bi nas duas primeiras semanas de dezembro
Valor é resultado de US$ 5,0 bilhões em exportações e US$ 1,08 bilhões em importações, segundo dados divulgados pela Secretaria Especial do Ministério da Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços
11/12/2024, 14:01 – En Español

Santander faz parceria com Stellantis e vai ofertar seguros em concessionárias da Fiat
O lançamento da parceria prevê seguros anuais para os modelos líderes em vendas da marca
11/12/2024, 14:00 – En Français

Economia
Dólar desacelera alta e Ibovespa tem leve queda com decisões de juros no Brasil e EUA no radar; siga os mercados
Nesta primeira, dados de Boletim Focus e negociações no Congresso mexeram no câmbio e no Ibovespa. Nos mercados financeiros, que se preparam para "Supersquarta" com Copom e Fed
11/12/2024, 14:00 – En Français

Crimes de ódio nos EUA crescem após guerra entre Israel e Hamas
As políticas de grandes cidades, como Los Angeles, Nova York e Chicago, que não são centralizadas um aumento nos registros dos chamados eventos de ódio
11/12/2024, 14:00 – En Español

Tecnologia e Inovação
Solução inédita verifica identidade com 100% de precisão
Universidade Federal do Ceará usa modelo colaborativo para identificar a fraude do CPF: este mecanismo uma determinada transação online

XP vê 'milagre natalino' no Itaú, que poderia distribuir até R$ 14 bi em dividendos
Segundo os analistas, isso acontecerá o pagamento de dividendos de ação para cerca de 3% neste ano
11/12/2024, 13:00 – En Français

Marina Silva confirma Belém como sede da COP30
11/12/2024, 13:00 – En Español

Intermediação, P2P, DeFi e mais: BC adianta temas que entrarão na regulação de criptoativos
Exchanges serão reguladas como corretoras, porém levando-se em consideração as especificidades da tecnologia utilizada
11/12/2024, 13:00 – En Español

Big techs fazem lobby contra regulação de inteligência artificial no Senado
O texto do Senado é inspirado em projeto discutido no Parlamento Europeu e propõe criar "sistema de governança" e responsabilização objetiva
11/12/2024, 13:00 – En Español

PT decide fazer indicações à CPI da Braskem
O senador Rogério Carvalho (PT) será titular da Comissão Parlamentar Conjunta (CPI) será suplente
11/12/2024, 13:00 – En Español

"Esse texto é insuficiente e decepcionante", diz comissário de clima da UE
"Não sem as ONG's, mas sem as empresas que podem manter 1,5°C ao alcance"
11/12/2024, 13:10 – En CDPOR

Colômbia adere a Tratado de Não Proliferação de Combustíveis Fósseis
País é o primeiro grande produtor de carvão a adotar o tratado
11/12/2024, 14:00 – En CDPOR

Em hipótese alguma o Brasil se envolverá em eventual conflito
Ministro da Defesa, José Múcio Monteiro, diz que Brasil não participará de guerra entre Venezuela e Guiana